



Prezados leitores!

O Brasil tem um novo presidente. No entanto, não é preciso acostumar-se a uma nova fisionomia. Luiz Inácio “Lula” da Silva, 57, é conhecido há muito tempo não só dos eleitores brasileiros. Em sua quarta tentativa, o líder do Partido dos Trabalhadores conseguiu atingir seu objetivo. Ele despontou como carismático dirigente sindical e fundou o partido que agora conduziu à vitória.

O discurso da campanha eleitoral mostrou que o petista adotou como modelo a social-democracia européia. Os próximos meses e anos, porém, irão revelar, até que ponto, Lula e seu partido, durante o longo pleito eleitoral, firmaram os pés na realidade que agora lhes cabe moldar. Presume-se e confia-se que o novo presidente é capaz de quase tudo. Ex-companheiros acusam-no de ter abandonado seus ideais e, há tempo, não ser mais o advogado dos marginalizados como se apresentava outrora. Críticos conservadores, céticos em relação ao estilo moderado de Lula, temem que ele baixe uma moratória da dívida, faça desapropriações e suspenda as negociações para a criação da zona de livre comércio americana. Diante de tantas expectativas contraditórias, Lula tem boas condições para enfrentar os grandes problemas brasileiros com soluções não convencionais. Um dos aspectos mais interessantes deverá ser o modo como ele vai lidar com as esperanças e reivindicações de sua clientela partidária fortemente ideologizada. Até parece que as discussões entre as alas „realista“ e “fundamentalista” do Partido Verde alemão encontraram no PT sua versão brasileira. “Joschka” Fischer e Lula terão assuntos de sobra para abordar nas conversações já marcadas para as próximas semanas.

Fernando Henrique Cardoso assumiu a Presidência da República, há oito anos, afirmando que “o Brasil não é um país pobre e, sim, injusto”. Um dos principais motivos da vitória do PT é que, na avaliação dos brasileiros, essa situação pouco mudou nos últimos anos, apesar do balanço aparentemente positivo do governo de FHC. O sucesso de Lula é um excitante recomeço, visto que, pela primeira vez, o presidente não vem da elite que sempre indicou o mandatário número um do país.

Uma das principais tarefas do novo presidente será modernizar a infra-estrutura nacional, cujas deficiências representam um fator essencial do propalado “custo Brasil”. Por isso, nesta edição, Lorenz Winter apresenta os maiores projetos infra-estruturais brasileiros, que abrem muitas perspectivas de negócios também para empresários alemães. Conhecido dos leitores por escrever regularmente para Tópicos, Winter expõe em seu artigo os grandes desafios a serem enfrentados por Lula e explica por que as principais tarefas políticas do país não podem ser resolvidas só com dinheiro.

A troca de governo no Brasil e a reeleição de Gerhard Schröder na Alemanha são uma boa oportunidade para fazer um balanço das relações bilaterais. É o que faz Georg Boomgarden, num artigo que também traça um ponto de partida para as próximas conversações teuto-brasileiras. O fato de os governos dos dois países encontram-se no início de uma nova legislatura, oferece chances para uma cooperação de longo prazo, que realmente merece ser chamada de „estratégica“.

Mas não só a política determina o conteúdo da atual edição de Tópicos. Anita Hermannstädter conta-nos histó-

rias de exploradores alemães, que no século 19 viajaram como cientistas e aventureiros pela região do Amazonas. A trajetória de um dos mais eminentes representantes dessa geração de pesquisadores, o etnólogo Theodor Koch-Grünberg, é apresentada por Michael Kraus. De certo modo, é também um dos méritos desses exploradores alemães que o número de índios brasileiros tenha-se mais do que duplicado nos últimos dez anos. Com a proliferação dos conhecimentos a respeito dessas culturas cresce também a consciência da necessidade de protegê-las de uma maneira especial. A mudança da imagem do índio na sociedade brasileira nos é descrita por Helmuth Taubald.

Desejo-lhes muito prazer na leitura dessa edição!

Michael Rose